

Apresentação

Caras(os) leitores,

é com muita satisfação que a *Revista Sankofa* publica sua 15ª edição. Dessa vez, em um novo formato, com um novo endereço eletrônico e com novos pesquisadores na equipe editorial. A renovação tem como objetivo melhorar a dinâmica da Revista no meio acadêmico, no entanto, sem perder a qualidade interdisciplinar que prezamos.

Para marcar e divulgar a nova fase, promovemos um evento específico para tratar de um assunto que, embora pareça redundante, ainda está em pauta na Universidade de São Paulo: *Cotas raciais para ingresso na universidade*. Nesse sentido, a *Revista Sankofa* procurou resgatar o debate junto aos alunos e pesquisadores. O encontro, cujo tema foi “*Cotas, permanência e racismo na USP: a culpa é de quem?* ” ocorreu no mês de Abril, no anfiteatro do Departamento de História, com a participação de professores universitários – Muryantan S. Barbosa (UFABC) e Circe Bittencourt (PUC-SP); e de militantes do movimento negro na USP – Maria Jose Menezes (Núcleo de Consciência Negra), e Emerson Gabriel Santos e Suzane Jardim (ambos da Ocupação Preta na USP). A participação da comunidade acadêmica foi significativa, no evento discutiram-se pontos importantes do tema e o objetivo de conscientizar, formar e informar foi atingido.

Inclusive, antes da apresentação dos artigos desta edição da *Revista Sankofa*, ainda algumas palavras cabem a respeito dos fatos ocorridos neste último semestre relacionados ao movimento *Ocupação Preta na USP*.

Na Universidade de São Paulo, as pautas relacionadas ao ingresso para as vagas oferecidas pela universidade tinham como princípio básico, até então, somente a ideia da meritocracia. Salvo alguns projetos de inclusão social, como bônus para quem realizou o ensino médio em escola pública, o critério de políticas afirmativas não tinha espaço nos itens de encaminhamentos.

Como se sabe, as universidades públicas estaduais possuem prerrogativas legais que permitem independência nas ações quanto ao ingresso em suas vagas oferecidas. Todavia, devido à pressão de várias entidades do movimento negro, desta vez o Conselho Universitário propôs às faculdades que discutissem medidas para diferentes formas de ingresso nessas vagas. O documento enviado para orientar e pautar as plenárias departamentais, – “Formas de Ingressos na USP” –, foi encaminhado aos departamentos durante o final do ano letivo de 2014; por sua vez, tinha como

prazo de conclusão o mês de maio de 2015. Considerando que o ano letivo de 2015 praticamente iniciou-se em março, o tempo para tratar devidamente o tema foi, de fato, ínfimo.

O pouco tempo para discutir o tema, dada a sua importância, foi fator substancial para que um grupo de jovens, composto de alunas(os) e não alunas(os) negras(os) reunidas(os) em torno do nome *Ocupação Preta na USP*, organizassem intervenções nas salas de aula propondo debates em torno das Cotas raciais. As intervenções ocorreram durante o primeiro semestre de 2015. O objetivo principal foi demonstrar o contraste racial e social existente entre a sociedade brasileira e os alunos matriculados na USP. Os locais em que ocorreram as intervenções foram, dentre outros, a Faculdade de Direito e a Faculdade de Economia e Administração.

Os resultados das posições proferidas nas plenárias departamentais ainda não foram amplamente divulgados. Sabe-se, no entanto, que o Departamento de História, em plenária extraordinária, aprovou o ingresso por Cotas raciais e sociais em suas referidas vagas. O final desta história ainda está longe do fim, pois a regulamentação ainda depende de outros trâmites legais e de outras instâncias burocráticas acadêmicas. Esperamos que as intervenções da *Ocupação Preta na USP* possam surtir o efeito e o objetivo desejado: a construção de uma universidade pública com justiça social.

Vamos às apresentações dos artigos.

Nesta edição temos o artigo de António Alone Maia, “*O pós-colonial a partir de Stuart Hall e Ella Shorot*”. Com o objetivo de analisar os conceitos teóricos dos dois autores em questão, atentando-se ao *pós-colonial*, Maia procura apresentar as peculiaridades e diferenças relacionadas ao termo que, por sua vez, dependem do período cronológico e do lugar em que foi forjado.

Outro artigo, “*A propósito de Relevâncias ...*”: *A literatura Africana como leitora-questionadora da História*”, é de José Dércio Braúna. O autor toma como análise os textos literários do escritor moçambicano Mia Couto e do escritor angolano Pepelata, argumenta a respeito da importância do uso dos documentos históricos por parte desses autores para construção de seus textos ficcionais.

Já, o artigo de Eduardo Januário, “*Aspectos histórico-econômicos das relações étnico-raciais no Brasil: um método para a formação de educadores para Educação das Relações Étnico-Raciais na cidade de São Paulo.*”, apresenta ao leitor parte da experiência da prática docente do

autor na formação de professores da rede pública municipal de São Paulo. O texto contempla o conteúdo e o método de abordagem aplicado durante os cursos.

Para finalizar a sessão de artigos temos o texto de Lwdmila Constant Pacheco, “*Racismo e Intolerância Religiosa: representação do Xangô nos Jornais de Maceió entre 1905 e 1940.*” O objetivo do artigo é destacar o discurso racista com que se referiam às religiões de matrizes africanas, e como se expressavam tais práticas nos jornais de grande circulação em Maceió, principalmente no Jornal de Alagoas.

Para complementar a leitura temos a resenha do livro de Franz Fanon, “*Pele negra, mascaras brancas*”, cujo título denominado “*Antirracismo, negritude e universalismo em Pele negra, máscaras brancas de Frantz Fanon*” é de autoria de Gabriel dos Santos Rocha. O autor analisa as abordagens de Fanon, sob o contexto do pós-segunda Guerra Mundial, a respeito do racismo e do colonialismo como forma de dominação entre os seres humanos no mundo moderno.

Vale a pena! Boa Leitura!!